

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA IBERO-AMÉRICA: PROPOSTA DE UM CANAL IP

Fernando José Garcia Moreira¹, Vanessa Carvalho Mangialardo²

UNIVAP / Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Comunicação - FCSAC, Av. Shishima Hifumi 2911,
univaptv@univap.br, vanessa@univap.br

Resumo- O Canal Virtual Educa é um projeto que visa a transmissão de palestras, seminários e workshops, principalmente ao vivo, via tecnologia IPTV, com o objetivo de disseminar eventos educativo-científicos de interesse da comunidade ibero-americana. Esse projeto faz parte do desenho de modelos e instrumentos tecnológicos inovadores, que possibilitem a inclusão dos sistemas educativos e formativos tradicionais na sociedade do conhecimento, previsto no Plano de Ação Virtual Educa 2007-2009, da Secretaria Geral Virtual Educa, com sede em Madri, que prevê a criação de Centros de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico Virtual Educa, descritos como uma rede de centros especializados.

Palavras-chave: TV, Canal Virtual Educa, divulgação científica ibero-americana.
Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas

Introdução

Segundo a opinião do Secretário Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), Sr. César Gaviria (2001):

"Virtual Educa está designado a criar novas formas de acessar e intercambiar informação na atual revolução tecnológica, de estabelecer relações de cooperação entre as instituições educativas e os setores público e privado, para contribuir a estabelecer as bases de uma sociedade melhor informada, mais democrática e onde a educação seja a carta de navegação em uma região onde todos os indivíduos participem plenamente do desenvolvimento político, econômico e social de suas respectivas sociedades".

De acordo com o PLANO DE AÇÃO VIRTUAL EDUCA 2007-2009, que prevê a criação de CENTROS DE INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO VIRTUAL EDUCA, descritos como uma rede de centros especializados em áreas de interesse prioritário para o desenho de modelos e instrumentos tecnológicos inovadores, que possibilitem a inclusão dos sistemas educativos e formativos tradicionais na sociedade do conhecimento, apresentamos nesse trabalho a proposta da Criação de protótipos e promoção de plataformas educativas e ferramentas para a gestão de entidades educativas e centros de formação como a aplicação da interatividade nas televisões educativas: O Canal Interativo Virtual Educa.

A TV pública e a transmissão de conteúdos científicos

Desde os primeiros dias da radiodifusão nos EUA, no começo da década de 20, os precursores da rádio reconheciam que com a sua capacidade de chegar a um grande número de lares, esse meio deveria ter certo valor educativo, o mesmo se aplica a história da televisão naquele país, que em 1952 fez a reserva de 242 canais de TV em VHF e UHF, para usos não comerciais ou educacionais. (GORDON, 1966). No Brasil tudo começa em 1968, com a Universidade Federal de Pernambuco, em Recife.

Partindo desse pressuposto que a Televisão existe também para a transmissão de palestras e aulas, esse uso inclusive era quase o único previsto na legislação das telecomunicações no Brasil para a Televisão Pública, conforme lembra Teresa Otondo no livro Televisão Pública: do consumidor ao cidadão (RINCÓN, Omar). Essa proposta visa a otimização da transmissão desse tipo de atividade, principalmente ao vivo, com o objetivo de disseminar eventos científicos de interesse da comunidade ibero-americana.

Parece absurdo abordar uma temática que para muitos é um sub-uso da televisão, pois não utiliza técnicas inovadoras e nem alcança índices de audiência expressivos.

Dessa forma nunca será possível fazer comparação com alguns programas de alto nível da TV Pública Brasileira, que procura cativar o público com uma nova linguagem, como diria Gláucia Guimarães no estudo realizado sobre o programa Ratibum da TV Cultura (ícone da TV Educativa brasileira por sua qualidade de produção):

“Ao que tudo indica, a narrativa lúdica abre um espaço maior para o envolvimento, não só racional como também emocional, do aluno com o objeto de estudo”. (GUIMARÃES, 2000)

A experiência de assistir centenas de palestras pela TV, ao vivo ou gravadas, geradas por fontes tão diversas como TV’S Públicas abertas, por cabo e satélite, teleconferências nacionais e internacionais, cursos por TV e *internet* da Espanha, Estados Unidos, Inglaterra e França e ainda ter participado também do planejamento e transmissão de outras dezenas realizadas dentro da Universidade do Vale do Paraíba (Virtual Educa Brasil 203, 2004, 2005, 2006, Virtual Educa Internacional Barcelona 2004 e Brasil 2007, entre outros), só colabora na afirmação de que é uma tarefa inglória conseguir que esse tipo de atividade seja motivante e dinâmica.

Pior ainda é constatar que nem mesmo o um dos maiores centros de inovação do mundo, o MIT – Massachusetts Institute of Technology, localizado em Boston nos EUA, consegue apresentar palestras pela TV que sejam diferentes. No caso específico do MIT então são decepcionantes, pois não trazem nenhuma legenda ou título (MIT Opencourseware – <http://ocw.mit.edu>).

Outro fator que não tem colaborado na melhoria da qualidade das transmissões é o econômico, principalmente para as Universidades.

Há uma grande dificuldade de posicionamento e definição de estratégias de programação ... Sendo o reino da palavra por excelência, o território privilegiado dos discursos, a universidade sente-se mais à vontade – e talvez cumpra melhor a sua finalidade – quando se utiliza de debates, entrevistas e palestras para comunicar-se pela TV. Mas deve-se considerar, também, e de forma muito objetiva, que esses são os formatos de produção mais simples e barata que a televisão oferece. Uma entrevista custa uma ínfima fração de um teleteatro, por exemplo. (PEIXOTO,2004)

Uma coisa, porém é possível: tornar a transmissão de palestras mais eficiente com relação às informações e melhorar o processo de ensino aprendizagem, com a utilização de técnicas básicas aplicadas a legibilidade e usabilidade do layout das telas e apresentações.

Além disso, também propomos a criação de um *modus operandi* que aumente a motivação e a aprendizagem, o que pode até gerar a criação de um modelo no qual as informações transmitidas sejam mais bem compreendidas e melhor retidas.

Público restrito

Quem assiste a palestras pela Televisão?

Nessa segmentação menos nobre da Televisão, é indispensável conhecer e definir as necessidades do tipo de audiência que se utiliza dessas transmissões, e mesmo, a pertinência dos materiais didáticos e pedagógicos utilizados como auxílio ao processo ensino-aprendizagem e como devem ser oferecidos para um melhor aproveitamento dos conteúdos televisivos e a definição de quais são aqueles que devem ser indispensáveis, por isso estamos falando em transmissão de palestras para alunos de nível superior ou pós-graduação ou ainda profissionais que necessitem ou tenham grande interesse em assistir esses conteúdos.

O tamanho do público atingido é relativo ao interesse que cada assunto pode gerar, em termos de televisão educativa um público pequeno não quer dizer falta de qualidade, nesse caso um dos fatores é a própria especificidade do assunto abordado.

Televisão Pública e audiência têm sido objeto de estudos em vários países, na Espanha o estudo demonstra que tem oscilado na última década entre 0.2 e 0.4% da audiência total da televisão, como referência comparativa os programas de informação e revistas eletrônicas têm entre 11% e 12% da audiência da televisão comercial aberta. O Cinema e as séries estrangeiras têm por volta de 9%, os esportes 3% e os programas infantis juvenis 1.6% .

Alguns programas muitos conhecidos da TVE Espanhola como a La Aventura del Saber são vistos nos últimos anos por aproximadamente 100,000 indivíduos e a TV UNED (da Universidade de educação a distância da Espanha) alcançou em 2006 uma média de 36.000 telespectadores (apenas 0.1% da população de referência que é de 36 milhões de espectadores potenciais) e o programa That's English com 18.000 telespectadores médios por dia ou apenas 0,05%. (SERRANO,2007).

Isto demonstra que a atividade de TV Pública tem um público restrito, comparado à TV Comercial, porém cumpre um papel totalmente diferente que não pode ser medido apenas pela audiência. Uma forma de análise pode ser pelos resultados numéricos, e ou econômicos, em comparação às atividades presenciais. Como exemplo os números da UNED na Espanha representam o equivalente a 1.000 salas de aula com 36 alunos cada sendo atingidas ao mesmo tempo. Outro exemplo é uma transmissão multicast (1 ponto gerador e múltiplos pontos receptores) atingir 50 pesquisadores espalhados pelo mundo, que de outra forma teriam de se deslocar para um único local com altos investimentos financeiros, além do tempo

despendido. Neste último exemplo é importante lembrar que nada substitui o contato presencial e seus desdobramentos em termos de relacionamento pessoal e profissional, mas são alternativas que devem ser levadas em consideração para aumentar a participação na divulgação científica, aumentando o acesso a conteúdos de qualidade que muitas vezes ficam restritos aos ambientes universitários e profissionais na forma de congressos e seminários.

A necessidade de um modelo

Quanto à criação específica de um modelo, Fainholc em 1999 (FAINHOLC, 1999) dizia que a limitação causada pela falta de standardização de hardware e software impede o link entre os serviços existentes de modo a otimizar os serviços e a exploração das suas potencialidades e que a alta estruturação técnica, hermética, impede que os sistemas de telecomunicações ofereçam meios cada vez mais flexíveis para diminuir a estruturas pedagógicas rígidas e favorecer um ótimo nível de diálogo.

Dentro da linha de pensamento da análise crítica dos meios de comunicação, muito difundida na década de 70, foram muitos os que defenderam uma metodologia de análise da televisão.

“A civilização democrática se salvará unicamente se fizer da linguagem da imagem uma provocação à reflexão crítica, não um convite a hipnose” (ECO, Umberto, 1977, p.367 in FERRÉS, 1996.p.106)

Esta metodologia para analisar os diversos modelos de discurso televisivo, nos mostram caminhos interessantes para a construção do modelo para a transmissão de palestras. Por exemplo, na análise chamada de formal uma pesquisa realizada por Baggaley e Duck em 1982 (in FERRÉS, 1996.p.205) demonstra que a credibilidade dos apresentadores dos informativos pode ser incrementada apenas pela captação da imagem de forma frontal. Somente este fato de olhar a câmera, como se fossem os olhos do telespectador, aumentava a sua credibilidade e autoridade. Outras experiências dos mesmos Baggaley e Duck em 1981 demonstram ainda que o grau de credibilidade do plano em que o apresentador aparece, mais fechado (primeiro plano) ou mais aberto (plano médio ou geral).

Já na análise da funcionalidade devemos levar em conta a questão do ritmo. Um ritmo muito ágil serve bem ao “espetáculo”, mas pode dificultar a compreensão.

Na leitura escrita quem comanda o ritmo é a própria pessoa, já na televisão esse ritmo é imposto pelo meio.

A estética da TV para transmissões ao vivo é muito diferente da de filmes e comerciais, nem mesmo a transmissão de um programa como a entrega do Oscar consegue um apresentar um ritmo rápido como um programa gravado.

Toda programação de Televisão visa o equilíbrio entre programas com diferentes ritmos. Telejornais e Musicais tem ritmo rápido, esportes tem ritmo médio ou rápido, já palestras e entrevistas tem ritmo lento.

Ao elaborar uma proposta para uma pedagogia dos meios de comunicação Gutierrez apresenta uma metodologia fundamentada nas formas e conteúdos, ou melhor significantes e significados que demonstra como pode ser feita a leitura e escrita de imagens fixas bem como leitura e escrita de imagens móveis.

“Ler é interpretar signos, é captar a realidade significativa dos signos. Sintetizando, saber ler quer dizer chegar a conhecer o significado pela interpretação do significativo.” (GUTIERREZ, 1978,p.84).

Observando essa metodologia à partir da escrita, ou seja do ponto de vista apenas do criador das imagens, teremos algumas idéias interessantes.

Visto que o primeiro contato com uma imagem é apenas intuitivo (conotativo) e carrega uma forte carga emocional e que a verdadeira significação da imagem é feita à partir do conteúdo da imagem que é composto por o que é cenarizado (elementos,linhas,luzes,cores.etc.), objetos e animais personificados, ou vários personagens e finalmente as ações realizadas e que o significado que cada autor (fotógrafo,cineasta) consegue imprimir aos signos depende de vários elementos da linguagem audiovisual como o enquadramento, composição, linhas, luz,etc.

Bibliografia

- CASTELLANI, DONATELA.** La impunidad de los discursos. Editora Nueva Aeración. Buenos Aires. 2003
- FAINHOLC, Beatriz.** La interactividad en la educación a distância. Editora Paidós. Buenos Aires. 1999
- FERRÉS, Joan.** Televisión y educación, Editora Paidós, Barcelona. 1996
- GORDON, George N.** Televisión Educativa. Union Tipografica Editorial Hispano Americana. Cidade do Mexico. 1966
- GUARESCHI, Pedrinho A. (Coord.)** Comunicação & Controle Social. Vozes. São Paulo. 1991

GUIMARÃES, Gláucia. TV e Escola, discursos em confronto. Cortez editora. São Paulo. 2000

GROTTICELLI, Michael. American Cinematographer Video Manual, third edition. ASC Press. California. 2001

GUTIERREZ, Francisco. Linguagem Total, uma pedagogia dos meios de comunicação. Summus Editorial. São Paulo. 1978

OLIVEIRA, Marcos. TV Turbinada . REVISTA PESQUISA FAPESP 120. São Paulo. 2006

RINCÓN, Omar (Org.). Televisão Pública: do consumidor ao cidadão. Friedrich Ebert Stiftung, Projeto Latino-americano de Meios de Comunicação. São Paulo. 2002

SERRANO, Marta e Gerardo OJEDA. Televisión educativa y audiencias: una aproximación conceptual. ILCE – Instituto Latinoamericano de Comunicación Educativa. Revista Tecnología y Comunicación Educativas No. 44. Cidade do Mexico. Mexico. 2007

WATTS, Harris. On Camera. Summus. São Paulo. 199

PEIXOTO, Fabiana e PRIOLLI, Gabriel. A televisão Universitária no Brasil. Os Meios de Comunicação nas Instituições Universitárias da América Latina e Caribe ABTU/ UNESCO/IESALC IES/2004/ED/PI/18. Brasília. 2004